

JAIME ROCHA

O refúgio dos grifos

Para o Carlos Alberto Machado e o Miguel-Manso

O rio adormece com a água virada
para as oliveiras, enquanto o rasto
dos barcos tapa o espelho das árvores
que se afundam nas margens, dando
à vila uma nova imagem, o lado
escondido das casas.

Sob a luz crepuscular de um pântano,
uma palmeira sobressai como se
dançasse em cima de uma toalha.

Todos os reflexos que cobrem
as pequenas ilhas encerram uma dor,
um pensamento colado aos peixes.

As garças contemplam a areia molhada,
a sombra de um comboio que corta
a paisagem _____

e lhe dá uma forma exacta.

Há no fundo de um vidro um refúgio alto
onde se escondem as palavras,
ao lado de pequenas tartarugas e de redes.
Quando essas palavras batem na madeira,
as pedras caem dos rochedos anunciando
o início das chuvas.

Mas é o sol que enlouquece os grifos,
as cobras e todos os outros animais
que alimentam os caminhos.

Nesta geografia existe uma mão aberta,
uma alegria inesperada que contém
o desejo da morte_____,

mas os barqueiros respiram devagar
contrariando o destino, como um lagar
parado num intervalo do tempo.

Ao longe, no fim da água, já depois
do lugar onde uma ribeira se encontra
com o rio e os bancos de areia abanam
com o vento, uma jangada arde dentro
de todas as imagens.

Como um festim que ilumina o musgo
das aldeias e desenha a cidade grande.

Residência de *Poesia, Um Dia*, Vila Velha de Ródão-Foz do Cobreão,
Setembro de 2013